16 AGO 2004

Comércio popular

TRIBUNA DO BRASIL

PESQUISA REVELA QUE A GRANDE MAIORIA DOS VENDEDORES AMBULANTES DE CEILÂNDIA NÃO ESTÃO REGULARIZADOS. FECOMÉRCIO ESTUDA ALTERNATIVAS PARA LEVAR A CATEGORIA PARA A FORMALIDADE

Nilo Martins

Thyago Arruda

Maioria dos camelôs se dividide entre as áreas de vestuário (29%) e alimentação (11%): importantes para a economia local

Uma pesquisa realizada pela Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio) revela dados sobre o perfil econômico dos 1,5 mil vendedores ambulantes de Ceilândia. Entre as principais características informadas pela pesquisa está o grande número de profissionais que não contribuem com o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Ao todo, são cerca de 90,8% de todos os 1,5 mil vendedores nesta situação.

O lucro médio dos ambulantes, uma das revelações mais importantes da pesquisa, fica em torno de R$ 791 mensais, sendo que, em 75% dos casos, o vendedor é o titular do ponto, transformando seu negócio em uma oportunidade de ocupação familiar. A pesquisa foi encomendada pelo Sindicato do Comércio de Vendedores Ambulantes do DF (Sindvamb/DF) e revela ainda que 73% dos entrevistados estão na atividade há mais de 3 anos, diferente das micro e pequenas empresas, que possuem um índice de mortalidade de 56,4% em igual espaço de tempo.

Os setores que mais movimentam a economia são os ligados às atividades comerciais no segmento de vestuário, abrigando 29,7% desses profissionais. É neste segmento que se encaixa a vendedora ambulante Maria de Fátima Amorim. Há 15 anos cuidando de sua barraca, ela afirma que ganha em torno de R$ 600 e R$ 800 por mês. Embora considere insuficiente para arcar com todas as despesas da casa, Maria de Fátima não abre mão de trabalhar na feira. "Esse dinheiro eu gasto com alimentação de três filhos e cinco netos e não sobra muito para mim, mas sou feliz", afirma. Em caso de dúvidas, ela desafia: "Quem quiser conferir minha conta no banco vai ver que não estou mentindo", explica a vendedora.

O setor de alimentação vem em seguida com 11,73%. Depois, estão os produtos importados, com 7,27%, as frutas, verduras e temperos, com 7%, e os calçados, com 5,87%. No entanto, apenas 4% dos vendedores ambulantes possuem inscrição na Secretaria da Fazenda do DF. De acordo com o presidente da Federação do Comércio do DF (Fecomércio/DF), Adelmir Santana, o estudo é importante, pois traça o perfil socioeconômico da categoria em Ceilândia.

A pesquisa oferece subsídios para que o setor produtivo e o governo possam buscar soluções para trazer esta categoria para a formalidade. "A pesquisa revela e reconhece a importância da atividade para a economia local. Precisamos agora discutir caminhos que levem os vendedores-ambulantes para a formalidade para que possam dispor de linhas de crédito e ampliar os seus negócios", avalia Santana.

Também foi divulgado no estudo um cadastramento completo dos vendedores-ambulantes da Ceilândia, para avaliar a receptividade da implantação do Shopping Popular, anunciado pelo GDF. Pela última pesquisa realizada, cerca de 87% dos ambulantes se manifestaram favoravelmente em relação à idéia.